



# Fake news como fenômeno da cultura

Fake news as cultural  
phenomenon

## Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (2012). É mestre em Comunicação também pela Universidade de Brasília (2002). Graduiu-se em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (1999) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professora Adjunta do Departamento de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. E-mail: rafiza@gmail.com.



## Resumo

Resenha do livro *Fake News in Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation* (Rob Cover, Ashleigh Haw e Jay Thompson, Emerald Group, 2022). Apresenta-se neste texto uma síntese da referida obra, destacando seu aspecto original como resultado de um progressivo amadurecimento das pesquisas sobre os processos de desinformação, realizadas sobretudo na última década. Voltada para uma compreensão das fake news como fenômeno da cultura, o trabalho explora sobretudo a perspectiva de Raymond Williams acerca da emergência de novos cenários culturais – evitando cair na armadilha do combate simplista a esse tipo de conteúdo. Desse modo, *Fake News in Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation* traz uma abordagem importante, a ser incorporada pelos estudos sobre desinformação.

**Palavras-chave:** Fake news. Misinformação. Desinformação. Estudos Culturais. Raymond Williams.

## Abstract

Book review of *Fake News in Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation* (Rob Cover, Ashleigh Haw, and Jay Thompson, Emerald Group, 2022). This text presents a synthesis of the aforementioned work, highlighting its original aspect as a result of a progressive maturation of research on disinformation processes carried out, especially in the last decade. Focused on understanding fake news as a cultural phenomenon, the work mainly explores Raymond Williams' perspective on the emergence of new cultural scenarios – avoiding the trap of simplistic combating of this kind of content. Thus, *Fake News in Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation* bring a relevant approach to be incorporated by studies on disinformation.

**Keywords:** Fake news. Misinformation. Disinformation. Cultural Studies. Raymond Williams.



## 1 Introdução

As fake news já foram definidas de muitas formas e utilizadas de tantas outras, como simples vocábulo, conceito, estratégia ou produto (MUKERJI, 2018; MENESES, 2018; GOMES; DOURADO, 2019; VARÃO, 2019). Também foi negada a sua especificidade, com a afirmação de que a mentira sempre existiu e que a expressão seria inadequada. O passar dos anos tem demonstrado que, ao contrário do que se esperava inicialmente, não se tratam apenas de uma palavra da moda, enjoativa e desnecessária, mas compõem vários processos contemporâneos de desinformação e de descredibilização da expertise (NICHOLS, 2017). O livro dos pesquisadores australianos Rob Cover, Ashleigh Haw e Jay Thompson<sup>1</sup>, *Fake News Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation* (Emerald Group, 2022, 192 p.) avalia essa permanência como conceito e acontecimento baseando-se na perspectiva dos Estudos Culturais ingleses, sobretudo em Raymond Williams, considerado o fundador da corrente. Os três autores adicionam novos elementos à compreensão de tão polêmico cenário – a partir também de alguns pontos pacíficos, como o início da discussão sobre o estatuto da verdade no século XXI.

A ascensão dos estudos sobre fake news, desinformação, e mesmo pós-verdade, tem data pouco questionada hoje. Apesar do senso comum tentar emplacar a ideia de que fake news sempre existiram, desconsiderando a historicidade do fenômeno – atrelada à disseminação das mídias sociais na década de 2010 –, as pesquisas que se dão conta de alguma novidade sobre a noção de “notícias falsas” se multiplicam a partir de 2014. Esse foi o mesmo ano em que Craig Silverman, editor do BuzzFeed, publicou seu famoso tuíte sobre o National Report<sup>2</sup>, site que disseminou informações falsas sobre o vírus Ebola, que ocasionava um surto desde março de 2013 na Guiné, país do oeste africano. De acordo com Silverman (2014, sp), “O artigo, publicado no nationalreport.net, afirmou que uma cidade inteira no Texas foi colocada em quarentena depois que uma família contraiu Ebola e usou uma citação falsa atribuída a alguém em um hospital do Texas para se passar por uma notícia real”<sup>3</sup>. Na época, Silverman trabalhava também como pesquisador no Tow Center for Digital Journalism, da Columbia Journalism School, em Nova Iorque, uma das mais prestigiadas instituições da área.

A intersecção entre a atuação profissional de Silverman e sua atividade como pesquisador pode servir como um exemplo paradigmático da popularização que o termo fake news sofreu tanto no âmbito do jornalismo (com a sua divulgação pelo BuzzFeed, um dos veículos emergentes de então) e pela pesquisa na área de ciências sociais, não apenas jornalismo e comunicação. Essa percepção se

---

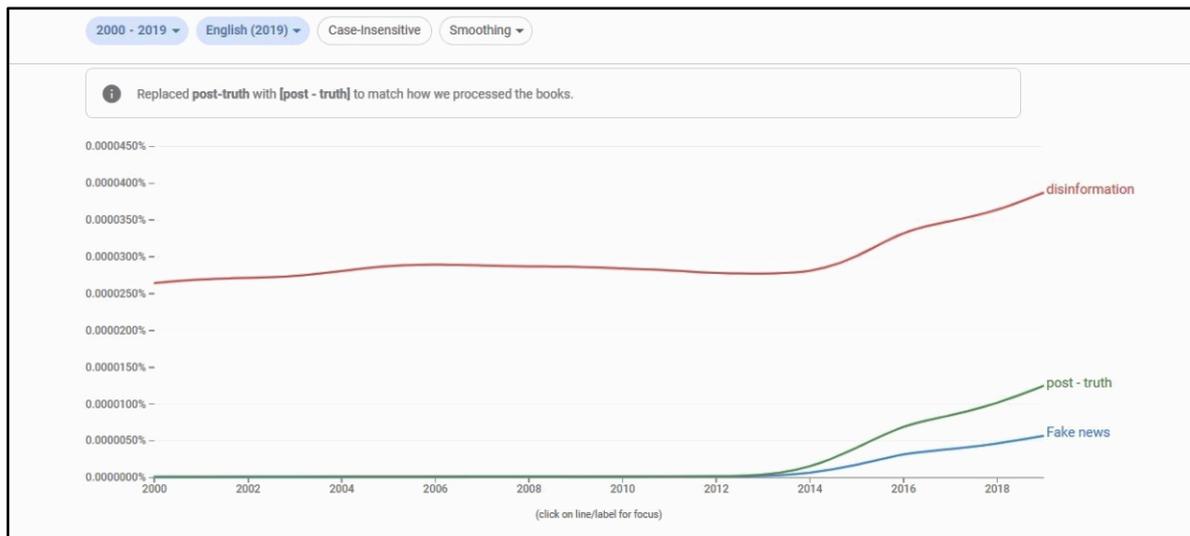
<sup>1</sup> Royal Melbourne Institute of Technology (RMIT), Universidade de Melbourne e Royal Melbourne Institute of Technology (RMIT), respectivamente.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://bityli.com/wRtGUGd>. Acesso em 10 ago. 2022.

<sup>3</sup> No original: “The article, published on nationalreport.net, claimed an entire town in Texas was quarantined after a family contracted Ebola, and it used a fake quote attributed to someone at a Texas hospital to pass itself off as a real news story”. Tradução da autora.

confirma quando, ao avaliarmos o número de livros sobre fake news, desinformação e pós-verdade também aumentam significativamente após 2014, conforme dados do Google Ngram.

Figura 1: Curva de crescimento de publicações sobre desinformação, fake news e pós-verdade.

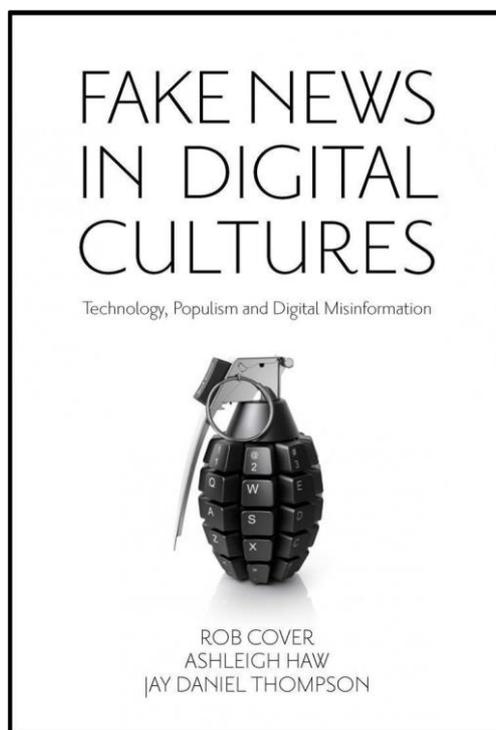


Fonte: Google Ngram. Acesso em: 09 ago. 2022.

De lá pra cá, o acúmulo de pesquisas e discussões cotidianas (em mídias sociais, jornais, veículos de opinião, sites de entretenimento, conversas etc), sobre as formas como as noções verdade foram colocadas em cheque pela vida cada vez mais digitalizada, agora constitui um corpo robusto, em que avaliações mais profundas sobre desinformação e seu subproduto, as fake news, já ultrapassaram o status de novidade e de termos da moda.

É sobre esse vasto arcabouço que *Fake News in Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation* avança, não para estabelecer um estado da arte, mas para trazer para frente dos holofotes um elemento importante, quase sempre obscurecido ou negligenciado pelas abordagens políticas, comunicacionais e psicológicas do fenômeno: a dimensão cultural e as dinâmicas dessa dimensão. Sob essa perspectiva, o que presenciamos agora se torna uma conjuntura emergente, mas que só pôde chegar à tona após as correntezas do século XX a empurrarem para cima. A obra, então, nos mostra como compreendê-la sob o viés da cultura.

Figura 2: Capa do livro Fake News in Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation.



Fonte: Emerald Group, 2022.

## 2 Resumo da obra

Fake News in Digital Cultures é dividido em dez capítulos, que vão de uma introdução geral sobre o tema até culminar em orientações sobre ética e cobertura jornalística diante da desinformação e seus subprodutos, como as próprias fake news e as teorias conspiratórias digitais.

A introdução, sob o título “Digital Cultures and Fake News”, problematiza em seus primeiros parágrafos o consenso sobre a origem das fake news como fenômeno da cultura, como se este se confundisse com a difusão do termo homônimo. Embora Rob Cover, Ashleigh Haw e Jay Thompson se juntem ao coro de especialistas que identificam a ascensão do vocábulo fake news após a década de 2010, eles apontam também para o fato de que aquilo que passa a ser nomeado apenas nesse período como fake news passou por um razoável estágio de maturação ao longo do século XX. No capítulo introdutório, os autores constroem uma breve sùmula sobre esse processo de maturação, avaliando as fake news e todo o cenário de pós-verdade e desinformação como partes de uma cultura emergente (nos termos de Raymond Williams<sup>4</sup>) em meio à crise cultural do início do século XXI. Segundo Williams,

---

<sup>4</sup> Em especial, nas ideias presentes na obra *Marxism and literature* (1977).



a expressão cultura emergente se refere a “[...] novos significados e valores, novas práticas, novos relacionamentos e tipos de relacionamento estão sendo continuamente criados”<sup>5</sup> (WILLIAMS, 1977, p. 123). É a partir dessa concepção que o livro dos pesquisadores australianos se desenvolve – e que vai sendo aos poucos construída e explicada no decurso dos nove capítulos seguintes.

O primeiro passo nessa direção é a definição de fake news pelo seu oposto epistemológico: a verdade. Assim, o segundo capítulo, “What Is Fake News? Defining Truth”, procura delimitar as atuais notícias falsas (ainda que estas não sejam consideradas completamente como novidade) por aquilo que é e foi considerado como verdade, na ciência e no jornalismo. Para tanto, os autores se valem da discussão realizada pelo filósofo francês Michel Foucault, sobre regimes de verdade, em obras como *A verdade e suas formas jurídicas* (2009). Posteriormente, Cover, Haw e Thompson traçam um quadro conceitual que distingue e cruza fake news, desinformação, misinformação, propaganda e o que a assessora do ex-presidente estadunidense Donald Trump, Kellyanne Conway, chamou de “fatos alternativos”.

Os dois capítulos seguintes, “The Cultural Emergence of Fake News I: Digital Cultures, Interactive Practices and Artificial Feeds” (terceiro) e “The Cultural Emergence of Fake News II: Postmodernism, Sensationalism and the Hyperreal” (quarto), formam uma unidade que amalgama os debates do segundo capítulo às reflexões sobre cultura emergente de Raymond Williams, entendendo as fake news como uma nova expressão cultural, possibilitada pelas rupturas do pós-modernismo na conceitualização da verdade e pela digitalização. Desse modo, os autores afirmam:

Embora a comunicação falsa ou enganosa tenha sido um elemento identificado e reconhecido da comunicação escrita ou oral durante a longa duração das “notícias” como um gênero de mídia da esfera pública, a ideia contemporânea de “fake news” surgiu na última metade da década passada, como algo que se constitui dentro e através da ansiedade pública, abrindo um debate acalorado sobre questões relacionadas à verdade e responsabilidade midiática, letramentos midiáticos e capacidades das audiências de distinguir a factualidade da falsidade deliberada<sup>6</sup> (COVER; HAW; THOMPSON, 2022, p. 29).

É nesses dois capítulos que se concentra a discussão teórica mais relevante e original de Fake News in *Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation*, que inspira a reflexão sobre as fake news sob o viés da cultura, como uma estrutura de sentimento (structure of feeling) conforme definida por Raymond Williams (1979, p. 159): “um padrão de impulsos, restrições, tons”<sup>7</sup>. Ou, conforme explicita Matthews (2010, p. 179):

---

<sup>5</sup> No original: “[...] new meanings and values, new practices, new significances and experiences, are continually being created”. Tradução da autora.

<sup>6</sup> No original: “Although false or misleading communication has been an identified and recognised element of written communication or spoken utterance across the long duration of ‘news’ as a genre of public sphere media, the contemporary idea of ‘fake news’ has emerged in the past half-decade as something which is constituted within and through issues of public anxiety, opening heated debate on questions related to truth and media responsibility, media literacies and of the capabilities of audiences to recognise factuality from deliberate falsehood”. Tradução da autora.

<sup>7</sup> No original: “a pattern of impulses, restraints, tones”. Tradução da autora.



[...] a frase implica que os sentimentos são organizados ou padronizados e, portanto, sujeitos à análise, à razão e à lógica, se aproximando de análises estruturalistas baseadas na linguística saussureana. Isso sugere uma definição de sentimento muito diferente daquela força intrinsecamente fluida, desordenada e aleatória, ou o poder anárquico da imaginação romântica e sentimental.<sup>8</sup>

Destarte, a pós-verdade (que possibilita as fake news) seria resultado de um conjunto de práticas e emoções cuja emergência foi reforçada com a expansão das tecnologias digitais e sua intervenção direta nos processos de comunicação, incluindo as mudanças na produção e disseminação de mensagens – e que Cover, Haw e Thompson (2022, p. 30) sintetizam da seguinte maneira:

[...] tanto o advento da cultura digital interativa quanto a demanda de novos atores para adentrar o campo da produção de notícias são, em si, ambos efeitos de mudanças culturais de longo prazo que clamavam pela democratização da capacidade de falar e ser ouvido. Nesse contexto, talvez seja melhor entender a circulação de fake news como parte de uma “estrutura de sentimento” contemporânea relacionada à forma que a cultura digital assumiu, o movimento populista anti-establishment, a ascensão do interesse da cultura do cancelamento ao lidar com questões criminais por meio da vigilância on-line (Bartlett, Clarke, & Cover, 2019); a simultaneidade do compartilhamento progressivo, práticas on-line de cuidado ético mútuo, bem como performances de hostilidade digital e trolagens (Jane, 2015; Lumsden & Morgan, 2017); mineração de dados anti-ética (Lovink & Rossiter, 2018, p. 4) e práticas inescrupulosas de vigilância digital etc.<sup>9</sup>

São essas ideias que vão embasar as análises dos quatro capítulos que seguem, focados em elementos da cultura que emergem com as digitalidades e as novas relações com a verdade. O quinto capítulo, “The Visual in an Era of Hyperreality and Disinformation: The Deepfake Video” explora uma dessas facetas, ainda pouco avaliada no Brasil, mas que se apresenta como um dos mais preocupantes problemas da era das mídias sociais: vídeos falsos, cuja verificação se torna cada vez mais difícil, em função do desenvolvimento progressivo da inteligência artificial utilizada em sua confecção (e, claro, do domínio técnico aliado a más intenções).

O sexto capítulo, “Fake News and Conspiracy Theories”, aprofunda outro lado da desinformação: o papel das teorias conspiratórias no ecossistema das mídias digitais. Assim como a maioria dos conteúdos falsos em circulação hoje (e como nas fake news stricto sensu), as teorias conspiratórias não são exatamente uma novidade, mas assumem uma dimensão cartapácia na

---

<sup>8</sup> No original: “[...] the phrase implies that feeling is organized or patterned, and thus subject to analysis, to reason and logic, following the course of structuralist analyses modelled on Saussurean linguistics. This suggests a very different definition of feeling from that intrinsically fluid, disorderly or random force, the anarchic power of romantic and sentimental imagining”. Tradução da autora.

<sup>9</sup> No original: “[...] both the advent of digital, interactive culture and the demand by new actors to enter the field of news production are, themselves, both effects of long-term cultural shifts that called for the democratisation of the capacity to speak and be heard. In these contexts, it is perhaps best to understand the circulation of fake news as part of a contemporary ‘structure of feeling’ that incorporates the form which digital culture has taken, the populist anti-establishment movement, the emanation of call-out culture’s interest in dealing with criminal issues through online vigilantism (Bartlett, Clarke, & Cover, 2019), the simultaneity of progressive communicative sharing, online practices of ethical and mutual care, as well as performances of digital hostility and trolling (Jane, 2015; Lumsden & Morgan, 2017), cynical data mining (Lovink & Rossiter, 2018, p. 4) and unscrupulous practices of digital surveillance, etc”. Tradução da autora.



ecologia digital. Seguem ainda a mesma estrutura da conspiração que acontecia fora dessa ecologia, conforme descrito abaixo, mas nas mídias digitais agora “velocidade da luz” e alcançam rápido compartilhamento:

[...] tentativas factualmente não verificadas (ou não verificáveis) de explicar certos fenômenos. Esse tipo de texto, conteúdo, crença ou discurso normalmente assume a forma de narrativas que alegam planos secretos de entidades poderosas (o governo, os super-ricos, as antigas aristocracias europeias etc.)<sup>10</sup>(COVER; HAW; THOMPSON, 2022, p. 78).

O sétimo capítulo, “Marginalising the Marginalised: Fake News as a Tool of Populist Power”, explora o uso da desinformação, das formas descritas nos capítulos anteriores, associada ao novo populismo digital, parte indissociável da cultura emergente das fake news. Descrito por Jan-Vermeer Müller (2016), como uma forma de governo composta por três características principais – ataques ao aparato estatal, corrupção e clientelismo de massa, além das tentativa de suprimir a sociedade civil –, o populismo encontrou no ambiente das mídias sociais uma plataforma potente para se fortalecer nos cenários políticos que se formaram após 2014, sobretudo.

Neste capítulo, Cover, Haw e Thompson ainda acrescentam à análise do populismo nas mídias sociais, a partir das características apontadas acima, as estratégias de ataque aos direitos de minorias, revelando “[...] o papel das fake news no reforço da desigualdade de poder, analisando como os discursos preconceituosos e a sustentação de estereótipos negativos são estrategicamente introduzidos no domínio público”<sup>11</sup> (COVER; HAW; THOMPSON, 2022, p. 94). Os estragos causados por esses expedientes nas democracias, com a manipulação da percepção dos públicos sobre minorias, também são perscrutados pelos autores.

O oitavo capítulo, “Audiences, Trust and Polarisation in a Post-truth Media Ecology”, trabalha ainda com as questões políticas que circundam a desinformação, oferecendo uma interpretação da ideia de polarização política e da modificação das instâncias de credibilidade tradicionais, como o jornalismo e a ciência. Desse modo, os autores mostram como

[...] as relações das audiências contemporâneas são cada vez mais produzidas dentro da tribalização da atitude, cultural e política, e como elas operam numa era em que evidências, métodos de reportagem, estrutura de notícias e a relação intertextual entre notícias se dissiparam em favor da confiança em fontes que são familiares, independentemente de seu objetivo ou credibilidade avaliada<sup>12</sup> (COVER; HAW; THOMPSON, 2022, p. 110).

---

<sup>10</sup> No original: “[...] factually unverified (or unverifiable) attempts to explain certain phenomena. This kind of text, content, belief or discourse typically takes the form of narratives that allege secret plans by powerful entities (the government, the super-rich, the old European aristocracies, and so on) to harm or destroy a section of the population”. Tradução da autora.

<sup>11</sup> No original: “the role of fake news in the reinforcement of inequitable power divisions, analysing how prejudiced discourses and the sustaining of negative stereotypes are strategically introduced into the public domain”. Tradução da autora.

<sup>12</sup> No original: “[...] contemporary audience relationships are increasingly produced within the tribalisation of attitude, culture and politics, and how they operate within an era in which evidence, reporting methods, news structure, and the intertextual relationship between news stories has dissipated in favour of trust in sources that are familiar, regardless of their objective or assessed credibility”. Tradução da autora.



É a partir desse capítulo que Cover, Haw e Thompson começam a mirar de forma mais sistematizada o papel do jornalismo diante das fake news e como a credibilidade da mídia, de maneira geral, pode ser compreendida diante de uma audiência que tem dificuldades em reconhecer o jornalismo como confiável. É assim que eles analisam dois casos da história recente e suas relações com a imprensa e as fake news: o Brexit (como ficou conhecida a saída da Grã-Bretanha do bloco europeu) e o Megxit (como foi apelidada, inspirada no Brexit, a saída do Príncipe Harry, Duque de Sussex, e de sua esposa Meghan, Duquesa de Sussex, das obrigações da família real britânica). As duas análises confluem para o entendimento desses dois acontecimentos sob a ótica de um mundo em que a pós-verdade se tornou dominante, apresentando diversas encruzilhadas e desafios para o jornalismo contemporâneo. Também abrem espaço para que os dois últimos capítulos de Fake News in Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation apresentem possíveis soluções éticas para o jornalismo na era digital.

O capítulo nove, “Remedying Disinformation: Communication Practice in a World of Fake News”, começa a deslindar táticas de enfrentamento à desinformação, para prevenir, coibir ou restringir a circulação de fake news. Nesse sentido, os autores seguem o percurso delimitado logo em seus primeiros parágrafos, como subdivisões do capítulo:

[...] Discutimos, assim, (i) o surgimento de organizações de checagem de fatos, (ii) as práticas culturais de checagem informal de fatos, (iii) percepções do papel contínuo dos jornalistas como árbitros de credibilidade, (iv) melhoras na legislação e regulação que busquem conter ou criminalizar fake news, (v) colaborações entre plataformas e autorregulação, e (vi) alfabetização midiática, educação em alfabetização digital e outras pedagogias<sup>13</sup> (COVER; HAW; THOMPSON, 2022, p. 126).

Os seis itens elencados acima aparecem como remédios a médio e longo prazo, sem romantização e sem corresponderem a fórmulas mágicas. Os autores compreendem que, como cultura emergente, a desinformação e as fake news não podem mais ser extirpadas do cotidiano social permeado pelas mídias digitais. Entretanto, podem ser assimiladas e compreendidas de forma crítica e terem seus impactos minimizados ou anulados.

É essa a ideia que abre o décimo e último capítulo, “Ethical Practices, Digital Citizenship and Communication Futures”, extremamente bem sintetizada em seu primeiro parágrafo:

Um dos principais argumentos que apresentamos neste livro é que fake news, desinformação e conteúdo enganoso não são anomalias sociais que podem ser erradicadas, irregularidades tecnológicas que podem ser remediadas com vigilância e censura automatizadas, nem práticas estranhas que são obra de alguns maus atores com más intenções. Em vez disso, argumentamos que as fake news são elementos constitutivos da cultura contemporânea, produto e resultado da convergência de fatores sociais e culturais emergentes, incluindo o aumento da interatividade e

<sup>13</sup> No original: “[...] We thereby discuss in turn (i) the rise of fact-checking organisations, (ii) the cultural practices of informal fact-checking, (iii) perceptions of the continuing role of journalists as arbiters of credibility, (iv) developments in legislation and regulation that seek to stem or criminalise fake news, (v) platform collaborations and self-regulation, and (vi) media literacy, digital literacy education and other pedagogies”. Tradução da autora.



produção de conteúdo gerado pelo usuário, a dissolução da autoridade do antigo gatekeeper e instituições de agendamento, a abordagem polissêmica da verdade e do significado que vem com a vida em uma cultura pós-moderna e a incorporação de discursos sensacionalistas e conspiratórios na ecologia da mídia e da informação<sup>14</sup> (COVER; HAW; THOMPSON, 2022, p. 139).

Nesse último capítulo, contudo, a intenção não é reforçar essa percepção, bem defendida nos anteriores, mas vislumbrar como uma ética na comunicação pode assegurar uma circulação de informações de modo mais criterioso, cidadão e menos violento, para além dos mecanismos detectados no capítulo anterior. De acordo com Cover, Haw e Thompson (2022), este último capítulo pode ser entendido como um chamado a todos os cidadãos por uma comunicação mais responsável. É aqui também que eles apresentam uma caracterização das fake news como atos de violência. Como tais, negar-se a compartilhar conteúdo falso é negar-se a disseminar violência – ou ser agente de violência.

Para sustentar essa posição, os autores se apoiam em Judith Butler (2004; 2009; 2020), Levinas (1969) e Kant (1959), entrelaçando as definições de violência e ética da primeira, a ética da responsabilidade com o outro do segundo, e desaguando no imperativo categórico kantiano, de acordo com o qual deve-se perceber o outro como fim e não como meio.

Ao deturpar deliberadamente um assunto (na forma de desinformação) ou circular desinformação de forma descuidada (publicando ou compartilhando conteúdo falso sem checar e verificar adequadamente), alguém fere a dignidade e agência de um sujeito humano, instituição ou grupo, e as trata como um objeto, distorcendo sua reputação ou experiência. [...] Quando um sujeito se torna disponível para ser distorcido por um conteúdo, ele é reconfigurado não como um sujeito vulnerável, a ser ferido por aquele conteúdo, mas como um meio ou mecanismo para alcançar outro fim. Isso é uma violência antiética<sup>15</sup> (COVER; HAW; THOMPSON, 2022, p. 144-145).

A consciência da violência, da agressão à dignidade do outro ou da dignidade humana como um todo, por meio da divulgação de fake news, teorias conspiratórias e outros componentes de desinformação, seria, então, a melhor terapêutica para a doença informacional, pois encontraria, na formação de cada cidadão, o cuidado com outro. Essa perspectiva se coloca muito longe de uma saída simplista, pois acaba posicionando a ética no centro da lida com essa cultura emergente, de forma

---

<sup>14</sup> No original: “One of the key arguments we have been making in this book is that fake news, disinformation and misleading content are not social anomalies that can be eradicated, technological irregularities that can be remedied with automated surveillance and censorship, nor alien practices that are the work of a few bad actors with ill-intent. Rather, we have argued that fake news is constituted in contemporary culture, the product and outcome of the convergence of emergent social and cultural factors including the rise of interactivity and user-generated content production, the dissolution of the authority of former gate-keeping and agenda-setting institutions, the polysemic approach to truth and meaning that comes with living in a postmodern culture, and the embedding of sensationalist and conspiratorial discourses in the media and information ecology”. Tradução da autora.

<sup>15</sup> No original: “In deliberately misrepresenting an issue (in the form of disinformation) or carelessly circulating misinformation (by posting or sharing false content without adequately checking and verifying), one disrupts the dignity and agency of a human subject, institution or organisation of people, and treats them as an object by distorting their reputation or experience. [...] When a subject becomes available to be distorted for content, they are re-figured not as a subject who is vulnerable to being wounded by that content, but as a means or mechanism to achieve another end. That is an unethical violence”. Tradução da autora.



deliberada. Em outras palavras, o importante não é o extermínio da desinformação, impossível de ser alcançado, mas como superá-la mesmo com sua existência.

### 3 Indicações

Ao apresentar uma mirada a partir dos Estudos Culturais ingleses, a partir de Raymond Williams, *Fake News in Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation* oferece uma análise conjuntural das fake news para além do episódico, como uma marca de nosso tempo, como elemento da cultura contemporânea e digital. Assim, a obra é indicada especialmente para pesquisadores que trabalham com o tema da desinformação e que buscam uma compreensão mais global do fenômeno, que transborde as especificidades das áreas de política, psicologia ou comunicação, ainda que se entrelace a elas. O livro pode ainda agregar às discussões sobre ética, comunicação e jornalismo no cenário digital.

### Referências

- BUTLER, Judith. **Precarious life**. Londres: Verso, 2004.
- BUTLER, Judith. **The desire to live: Spinoza's Ethics under pressure**. In: KAHN, Victoria; SACCAMANO, Neil; COLI, Daniela. *Politics and the passions: 1500–1850*. Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press, p. 111-130, 2009.
- BUTLER, Judith. **The force of non-violence: An ethico-political bind**. Londres: Verso, 2020.
- COVER, Rob.; HAW, Ashleigh; THOMPSON, Jay. **Fake News in Digital Cultures: Technology, Populism and Digital Misinformation**. Londres: Emerald Group Publishing, 2022.
- GOMES, Wilson da Silva; DOURADO, Tatiana. **Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia**. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 16, n. 2, p. 33-45, 2019.
- KANT, Immanuel. **Foundations of the metaphysics of morals**. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1959.
- LEVINAS, Emmanuel. **Totality and infinity**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1969.
- MATTHEWS, Sean. **Change and theory in Raymond Williams's structure of feeling**. *Pretexts: literary and cultural studies*, v. 10, n. 2, p. 179-194, 2010.
- MENESES, João Paulo. **Como as leis estão a definir (e a criminalizar) as fake news**. *Comunicação Pública*, v. 14, n. 27, 2019.
- MUKERJI, Nikil. **What is fake news?**. *Ergo: An Open Access Journal of Philosophy*, v. 5, p. 923-946, 2018.
- MÜLLER, Jan-Werner. **What is populism?**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2016.
- NICHOLS, Tom. **The death of expertise: The campaign against established knowledge and why it matters**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2017.
- SILVERMAN, Craig. 2014. **Tuíte sobre fake news**. Disponível em: <https://twitter.com/craigsilverman/status/522179364767924224>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- VARÃO, Rafiza. **Notícias falsas ou propaganda?**: Uma análise do estado da arte do conceito fake news. *Questões Transversais*, v. 7, n. 13, p. 21-30, 2019.

WILLIAMS, Raymond. **Marxism and literature**. Oxford: Oxford Paperbacks, 1977.

*Recebido em: 19/08/2022*

*Aceito em: 05/11/2022*